

Tape Rupi: O Nheemongaraí e o espaço guarani mbya na construção da pessoa

Palavras-Chave: Guarani Mbya; Nheemongaraí; Ontologia guarani; Espacialidade; Identidade;

Pesquisadora: Iara Baldan Laurindo, IFCH - UNICAMP

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Artionka Capiberibe, IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe compreender o ritual do *Nheemongaraí* como um ponto fundamental para o desenvolvimento da pessoa mbya, que se expressa também no desenvolvimento de uma relação pessoal com o espaço. Para a junção do tema de desenvolvimento pessoal com a relação do povo Guarani Mbya com o espaço, a pesquisa utiliza do caminho (*tape*) enquanto um recurso para pensar essa intersecção. A partir das bibliografias selecionadas e do trabalho em campo na Terra Indígena do Jaraguá (SP), o trabalho visa compreender como o momento ritualístico de nomeação expressa a relação cíclica mbya com o espaço e a ênfase no caminhar enquanto recurso para se fazer durar na Terra.

Se firmar na Terra

Os *Nheemongaraí* são as cerimônias mais importante para os Guarani Mbya, sendo a que essa pesquisa se debruça, principalmente, sobre a cerimônia de nomeação, o momento em que o *nhe'ẽ* se firma na terra. O *Yy Nheemongaraí*¹ ocorre, sobretudo, no início do ano, mas pode ocorrer em outros momentos durante o *ara pyau*. *Nhe'ẽ* pode ser traduzido tanto como palavra, quanto como “alma”, representando tanto o nome em si, que é dado no momento ritualístico, como o “espírito” enviado na terra. Assim, o *nhe'ẽ* é enviado de *amba* (morada celeste das divindades e dos espíritos pré-vida terrena e pós-morte), sendo o nome uma representação dessa relação indissociável entre a experiência corpórea e a experiência no local pré-vida terrena. Para entender a ideia de se “firmar” na terra, é necessário entender a ideia de terra precária (*yvy ivai*) do povo Guarani Mbya. Para o povo Guarani Mbya, a vida terrena é um espaço permeado por forças do mal, doenças espirituais e dificuldades. Nessa linha, a forma como se vive, expressa no termo *teko*, é a conciliação de ordem e desordem na Terra, um constante lidar com o desequilíbrio entre abundância e carência (Melià *apud* Pissolato, 2007, p. 105).

Assim, quando o *nhe'ẽ* vem a Terra, por estar acostumado com a vida feliz em *amba*, um lugar perfeito, em contraste com a vida terrena, ele deve ser convencido a ficar na Terra, mobilizando uma série de cuidados pós-nascimento que visam alegrar o *nhe'ẽ* da criança para que se fique entre parentes. Para que se

¹ Existem distintas formas de se nomear dependendo do *xeramoí* que conduz a cerimônia. O *Yy Nheemongaraí* tem influência forte na T.I. Jaraguá e é a principal cerimônia de nomeação, ainda que tenha visto a nomeação acontecer em outras cerimônias, como a da erva mate (*ka'a*). Além disso, ela é considerada a mais sagrada, sendo a que reúne mais gente, ocorrendo no começo do ano, em janeiro, podendo ir até fevereiro.

acostume com *yvy rupa*, a melhor forma é se alegrar (Ramo y Affonso, 2018, p. 139), e não há melhor forma de se buscar a alegria do que pelo exercício da memória e aproximação daquilo vivido pelo *nhe'ẽ* em *amba*, onde se vive feliz. Dessa forma, para durar numa terra ruim, ou seja, repleta de adversidades e doenças, é preciso relembrar o modo de vida deixado por *Nhanderu* aos guarani, lembrar o modo de vida deixados pelos antigos. Essa visão sobre a vida terrena implica um modo de se relacionar com a terra centrado na movimentação. Portanto, a sociedade guarani enxerga no movimento um modo de existência que se pauta numa estratégia de superação das crises e na constante conciliação entre ordem e desordem.

Para construir o *teko*, conta-se com as heranças culturais passadas pelos antigos, mas, também, com a sabedoria que cada um acumula com as próprias experiências (Pissolato, 2007, p. 120). As experiências que cada pessoa possui em seu repertório de vivência trazem uma historicidade pessoal que constitui seu próprio caminho de vida. Como Ladeira menciona em sua tese, “tudo tem caminho” (Ladeira, 2001, p. 146), assim, o caminho existe tanto na pessoa (caminho da vida), quanto no espaço pois, “se existem lugares, é preciso ter os caminhos (para chegar, sair e movimentar-se)” (Ladeira, 2001, p. 146). O caminhar expressa o modo guarani de se relacionar com a Terra, compreendendo sua forma cíclica e a necessidade de constante renovação e mudança. Assim, para além dos momentos de migração de grupos guarani, a mobilidade aparece enquanto um aspecto fundamental para a duração do povo Guarani Mbya na Terra. O caminhar, é, também, uma capacidade pessoal que se ganha ao longo da vida (Pissolato, 2007, p. 123), pois remete a capacidade de agência. Assim, *tape* pode ser uma categoria que mobiliza agência.

Essa pessoalização do *teko* faz com que construir caminhos dependa também de uma busca por satisfação de caráter pessoal, que traz o desafio de escolher bem (*ajapo porã*), ou seja, mover-se demanda agência, maturidade e uma autoconsciência sobre o próprio estado de ânimo (Pissolato, 2007, p. 154). Esse escolher bem está ligado a capacidade de lembrar-se de *Nhanderu*, dos pais celestes de *amba*, pois isso também é lembrar das pré-disposições e aptidões que seu *nhe'ẽ* leva consigo em potência. Assim, o lembrar é vital para continuar numa Terra cheia de imperfeições.

Relembrar os deuses: o *Nheemongarai* como recurso para durar na Terra

Diante de uma vivência terrena permeada por dificuldades, doenças e tristezas, o *nhe'ẽ* pode sempre se relacionar através de aproximações e afastamentos. Essa condição terrena é chamada *tekoaxy*, ligada a condição mortal de todos os seres habitantes da Terra (Pierri, 2013, p. 156), que Pierri (2013) relaciona com a condição de ser perecível (*marã*), se colocando em contraste ao modo de vida das divindades e dos habitantes de *amba*, que são imperecíveis (*marãe'y*), perfeitos e não passíveis de doença. Assim, com a falta de alegria na Terra, o *nhe'ẽ* pode se afastar do convívio de seus parentes e se aproximar de *amba*, onde era feliz, se fica muito tempo afastado, seu corpo *tekoaxy* fica doente até que morra, deixando os parentes de *yvy rupa*. Isso ocorre porque o *nhe'ẽ* está em movimento, sempre transitando entre *yvy rupa* e *amba* (Ramo y Affonso, 2018, p. 138).

Nessa linha, o *Nheemongaraí*, além de ser uma cerimônia de nomeação, é uma cerimônia de cura para todos os participantes envolvidos, que com as rezas fortalecem (*mbaraete*) os seus *nhe'ẽ kuery* para continuarem vivos, para poder durar na Terra. Assim, cientes das dificuldades que a vida terrena apresenta, “O *mbaraete* solicitado aos deuses em momentos rituais alude a uma potência de ação em prol da manutenção da vida entre parentes Guarani- Mbya” (Ramo y Affonso, 2023, p. 408).

Para estratégia de durar na Terra, como apresentado anteriormente, o exercício de rememoração da vida em *amba* e do modo de vida herdado deixado pelos antigos, essa lembrança é muito evocada pelo fluxo de palavras. Nesse sentido, um momento de muita importância no *Nheemongaraí* são os discursos proferidos nos rituais, as *nhemongueta*, “falas de aconselhamento” (Ramo y Affonso, 2023, p. 419). As palavras, as histórias contadas pelos *xeramoi* e *xejaryi* são uma forma de se aproximar de uma ancestralidade passada oralmente há muito tempo, ligando os participantes do ritual aos antigos e ao *nhandereko*, modo de vida deixado por *Nhanderu* aos Guarani.

METODOLOGIA:

Referente a pesquisa bibliográfica, foi feito um recorte temático, tendo em vista a vasta bibliografia sobre o povo Guarani, dividindo as bibliografias em três eixos: (1) Os guaraniólogos clássicos como Melià, Cadogan e Schaden e autores clássicos que tematizam a metodologia de etnografia em campo; (2) Autores que tematizam diretamente os Guarani Mbya; (3) Autores que tematizam a Terra Indígena Jaraguá (SP) e autores que tematizam o ritual do *Nheemongaraí*. Em campo, para além da *observação participante* (Malinowski, 1978) das cerimônias, foram entrevistas qualitativas, com participantes adultos Guarani Mbya residentes da aldeia Tekoa Ytu da Terra Indígena do Jaraguá (São Paulo-SP).

Essas entrevistas foram conduzidas como conversas cotidianas, adequando ao modo cultural de apreensão de sabedoria. Me alinho metodologicamente à entrevista em profundidade (Della Porta, 2014) uma metodologia que permite explorar, com uma descrição detalhada, motivações, emoções e ações dos interlocutores (p. 229). A entrevista em profundidade requer uma densa interpretação, que só pode ser possível com o estudo assíduo da bibliografia de base da pesquisa. Com amplo suporte bibliográfico, pude elegê-la como método científico, tendo em vista que é o mais produtivo diante dos resultados esperados e da cosmovisão abordada.

DADOS RECOLHIDOS EM CAMPO:

Descrevendo o ritual

O *Yy Nheemongaraí*, cerimônia mais estudada nessa pesquisa, é um batismo realizado com água (*Yy*), nele joga-se água de cedro na cabeça dos participantes, primariamente naqueles que já possuem nome, e, posteriormente, dos que irão recebê-los, tendo suas cabeças molhadas após o ato de nomeação. Em volta do *amba*, colam-se as velas feitas durante o período diurno, por aqueles que já possuem nome. Durante a cerimônia, acendem as velas daqueles que serão nomeados, durante o momento de revelação. As velas

coladas em *amba*² representam toda a comunidade que é fortalecida pela cerimônia, assim como auxiliam o fortalecimento dos participantes. Na T.I Jaraguá, nomeação é realizada pela revelação dos nomes ao *xeramoí* por Nhanderu, durante os cantos (*tarova'i*), sendo chamada de nomeação pela cantiga, por alguns, mas outros *xeramoí* podem utilizar “diferentes métodos”, sendo a semelhança entre todos a revelação advinda de Nhanderu ao *xeramoí*. Esse resumo pragmático não traduz o que é de fato o *Nheemongaraí*, servindo, assim para uma breve contextualização. A cerimônia se inicia de manhã, podendo ser vista como algo que dura um dia inteiro, por conta da preparação da casa de reza, na qual alguns participantes ficam durante todo o dia, a feitura das velas durante a manhã, a preparação da comida, ou dos ramos de erva-mate, como no caso do *Ka'a Nheemongaraí*. Porém, nas falas dos participantes é comum que o “começo da cerimônia” seja referenciado como o início das rezas noturnas.

Muitas bibliografias que falam sobre o *Nheemongaraí*, retratam a cerimônia do *avaxi'i*, uma cerimônia em que o batismo é realizado com milho e mel, as mulheres realizam a feitura do *mbojape* (um tipo de “pãozinho” de milho). No entanto, a cerimônia mais realizada na T.I. Jaraguá é o *Yy Nheemongaraí*, que é feito com o uso da água de cedro. Numa percepção limitada, pode-se pensar que o uso da água é decorrente da incapacidade da T.I Jaraguá de cultivar o *avaxi ete'i* (milho verdadeiro). É verdade que até poucos anos, e, até atualmente na maioria das tekoa, o *avaxi ete'i* não crescia muito bem quando cultivado, tendo sido possível apenas realizar o *Nheemongaraí* do *mbojape* no ano passado, na Tekoa Yvy Porã e agora realizado uma vez por ano na retomada Pindo Mirim. Apesar disso, circunscrever a escolha pelo uso da água a essa limitação é não enxergar que cada aldeia constrói o seu *nhandereko* de forma a fortalecer a missão coletiva de preservá-lo. Do mesmo modo como cada um tem sua sabedoria (Pissolato, 2007, p. 120), os *xeramoí/xejaryi* contribuem para o *nhandereko* cada um de uma forma. Assim, para além da impossibilidade que existia e existe em algumas tekoa do cultivo do milho, o uso da água na cerimônia se tornou uma escolha ativa de perpetuar essa tradição e os ensinamentos passados por outros *xeramoí kuery*.

Jaguata tape rupi (vamos caminhando pelo caminho): parar e caminhar

Escolhi o uso de *Tape Rupi* no título, traduzido do guarani como “pelo caminho” por conta das menções ao caminhar, a forma guarani de se relacionar com o espaço, e do construir caminhos pessoais que sempre apareceram em minhas conversas cotidianas na aldeia. A vida é vista como um caminho, o qual temos aptidões potenciais que podem ser realizadas, mas que é, sobretudo, construído por nossas escolhas e vivências. Um dos participantes, ao comentar sua trajetória pessoal, pensando nos anos mais ativos de liderança política, comparando com seu período mais “recluso”, me disse que estava num momento de parar, e que, por vezes na vida, era necessário parar e refletir sobre as coisas, sobre o caminho de vida que se deve escolher. Parar e seguir são movimentos do caminhar, assim, a parada é tão necessária quanto o ato de prosseguir caminhando, pois ela evoca um elemento necessário ao fazer escolhas, a concentração, afinal, é por meio da concentração que se acessa Nhanderu. Cadogan (1959, p. 144) menciona, nas narrativas dos

mbya paraguaios, *Karai Katau*, que conduzia seu povo a uma migração para *yvy marãe'y* e, durante um tempo, parou e fundou uma aldeia, para se concentrar antes de seguir seu percurso. Então, como elabora Pissolato (2007), “parar e continuar são aspectos de um mesmo caminho de ‘perfeição’ e divinação” (p. 102).

CONCLUSÕES:

O *Nheemongarai* toma um papel preponderante na duração da pessoa guarani, pois o momento de nomeação traz um aterramento do *nhe'ẽ* ao corpo terreno e traz vitalidade ao passo que demonstra a afirmação de um vínculo com seus pais terrestres, por meio de uma reafirmação do vínculo com seus pais celestes (pela memória evocada ao ser chamada por seu *tery*). Essa evocação de potencialidades de existências que ocorre decorrente da nomeação é importante para a noção de agência pessoal que organiza o coletivo social guarani mbya, dando a possibilidade de construir novos caminhos em busca de alegria (*vy'a*), pessoais ou coletivos. Para além da nomeação, o *Nheemongarai* auxilia a duração dos demais participantes, que já nomeados, desempenham papéis na cerimônia e imitam no *opy* o modo de viver dos *Nhanderu* e *Nhandexy kuery*. Assim, o fortalecimento é pedido aos *Nhanderu kuery*, para que as pessoas durem na Terra e as adversidades terrenas sejam atenuadas. Além disso, o fortalecimento é evocado pelo exercício da memória que o aconselhamento (*nhemongueta*) realiza, ao recordar uma herança ancestral coletiva, aproximando os *nhe'ẽ* a seus pais celestes e aos antigos, sempre enfatizando o *nhandereko*.

Portanto, o *Nheemongarai* é imprescindível para a sustentação de uma capacidade de agência guarani, que permite que a pessoa dure na Terra. Afinal, não existe nada mais expressivo na agência que a capacidade de tomar decisões. Para o povo Guarani, escolher bem (*ajapo porã*) é sempre um exercício de reflexão sobre o próprio estado de ânimo, tendo uma pessoalidade e uma importância de autonomia demarcada. A agência que constrói a pessoa e seus caminhos para durar na Terra, o *escolher bem*, é, uma vital estratégia de duração na Terra, pois aquele que age é o que se movimenta. E é isso que fazem os vivos, se movimentam. A busca pela alegria e a agência empregada na constante atitude de não se deter é o que faz a vida guarani perdurar em uma terra cheia de males.

BIBLIOGRAFIA

- CADOGAN, León. **Ayvu Rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá**. Em: Revista De Antropologia, 1(1), 35-42, 1956.
- DELLA PORTA, Donatella. In Depth Interviews. Em: **Methodological Practices in Social Movement Research**. Editado por Donatella Della Porta, 1 o ed, 228–61. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani-mbya: significado constituição e uso**. Tese de Doutorado em Geografia Humana – FFLCH/ Universidade de São Paulo – USP: São Paulo, 2001.
- RAMO Y AFFONSO, Ana Maria. O que nos levanta sobre a terra: Alegria e saudade fazendo parentesco. Em: **Nas redes guarani: saberes, traduções e transformações**. Org: Dominique Tilkin Gallois e Valéria Macedo. São Paulo: Hedra, 2018, p. 135-153.
- PISSOLATO, Elizabete. **A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)**. São Paulo: Editora UNESP: ISA, 2007.
- PIERRI, Daniel Calazans. **O perecível e o imperecível: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, FFLCH/ Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.